

**Identidade e deslocamento nos contos
“Liberdade Adiada” e “Segurança”**

***Identity and displacement in the tales
“Liberdade Adiada” and “Segurança”***

Henrique Roriz Aarestrup Alves

Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat), Sinop, Mato Grosso / Brasil
hralvess@hotmail.com

Kelly Pellizari

Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat), Sinop, Mato Grosso / Brasil
kyp1_pl@hotmail.com

Resumo: Este trabalho pretende analisar os contos “Liberdade Adiada”, da autora cabo-verdiana Dina Salústio, e “Segurança”, da portuguesa Teolinda Gersão. Em “Liberdade Adiada”, a personagem desloca-se permanentemente, realizando um percurso cotidiano por necessidades básicas de sobrevivência. Este impulso se dá por imposições de um contexto socioeconômico desfavorável e injusto que se impõe à personagem. Já no texto de Teolinda Gersão, o deslocamento do personagem se dá no contexto das grandes cidades modernas em que tudo gira em torno do capital. Tomado por um mal-estar permanente, o personagem viaja e realiza movimentos que se repetem várias vezes na narrativa, remetendo não ao prazer de um momento de descanso e entretenimento, mas sim a uma constante inquietação. Percebe-se que ambos os personagens parecem estar relacionados aos processos empreendidos pela modernidade capitalista, na medida em que os espaços diversos em que se estão inseridos, bem como suas respectivas identidades, encontram-se profundamente afetados.

Palavras-chave: deslocamento; espaço; identidade.

Abstract: This paper discusses the *Liberdade Adiada* tales, the Cape Verdean author Dina Salústio, and “Segurança”, the Portuguese Teolinda Gersão. In “Liberdade Adiada”, the character moves permanently, performing a daily route for basic survival needs. This impulse is given by charges of a context unfavorable and unjust economic partner that is imposed on the character. In the text Teolinda Gersão, the character displacement occurs in the context of large modern cities in which everything revolves around the capital. Taken by a permanent malaise, the character travels and performs movements that are repeated several times in the narrative, referring not to the pleasure of a moment of relaxation and entertainment, but at a constant restlessness. It is noticed that both characters seem to be related to the processes undertaken by the capitalist modernity, to the extent that the various spaces in which they live, as well as their respective identities, are deeply affected.

Keywords: displacement; space; identity.

Recebido em 27 de abril de 2015

Aprovado em 12 de novembro de 2015

Este artigo tem como objetivo realizar uma análise dos deslocamentos espaciais, e suas relações com a identidade, empreendidos pelos personagens protagonistas dos contos “Liberdade Adiada”, de Dina Salústio, e “Segurança”, de Teolinda Gersão. Michel De Certeau, em sua obra *A invenção do cotidiano*, afirma que “caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio”.¹ Essa falta de lugar que De Certeau menciona estaria intimamente relacionada ao fato do sujeito contemporâneo não estabelecer identificação definitiva com lugar algum. Nos contos em questão, o ato de caminhar dos personagens acontece em circunstâncias bem distintas, mas estaria ligado ao alto grau de fragmentação e incompletude desse sujeito. Em “Liberdade Adiada”, a personagem realiza seu percurso enquanto reflete sobre sua vida:

¹ DE CERTEAU. *A invenção do cotidiano 1*. Artes de fazer, p. 183.

Pensou em atirar a lata de água ao chão, esparrama-se no líquido, encharcar-se, fazer lama, confundir-se com aqueles caminhos que durante anos e mais anos lhe comiam a sola dos pés, lhe queimavam as veias, lhe roubavam as forças.²

Nota-se que o deslocamento realizado pelo personagem é penoso, mas necessário para lhe garantir a sobrevivência. Na expressão “caminhos que durante anos e mais anos comiam a sola dos pés”, pode-se perceber que seus deslocamentos, realizados por necessidades básicas, desgastam seu corpo massacrado pelo tempo e pela rotina sofrida que “lhe roubam as forças”.

Já no texto de Teolinda Gersão, o descolamento do personagem se dá devido à vida agitada que leva em nome dos negócios e do capital, até que, por motivos de saúde, resolve tirar férias. Durante esse período, acontecem suas andanças pela praia e espaços do *resort*: “adormeceu, mas acordou pouco depois, caminhou pela orla do mar, ao longo do areal que se estendia à direita do hotel”.³ Deslocamentos semelhantes a esse se repetem várias vezes na narrativa, remetendo não ao prazer de um momento de descanso e entretenimento, mas sim a uma constante inquietação e mal-estar. Esse incômodo pode estar relacionado às questões da identidade nos contextos incertos da “(pós-) modernidade”. Se antes a identidade moderna era considerada estática, hoje ela seria lançada em um turbilhão de incertezas, fragmentações e descentramentos, cujas errâncias se manifestariam em diversas instâncias do tecido social. O personagem de Gersão também se mostra permanentemente insatisfeito e em movimento, o que poderia estar relacionado ao ato de caminhar como uma maneira de romper com as regras do instituído e dar vazão às questões existenciais mais profundas do sujeito. A respeito desse processo, Alves afirma que:

Nesse sentido, a complexidade da condição humana não deixaria mais de incluir a face “obscura” de sua natureza que a cultura pode, em parte, tentar domesticar, mas que continua a animar desejos, medos, sentimentos e afetos mais profundos. Dessa maneira, haveria uma forma de “nomadismo” que se manifestaria, permanentemente, nas

² SALÚSTIO. Liberdade adiada, p. 5.

³ GERSÃO. Segurança, p. 200.

sociedades contemporâneas, em oposição às tentativas de estabilização e refreamento do instituído. Os impulsos de deslocamentos refletiriam um desejo de quebra do estabelecido que possuiria raízes nas mais remotas culturas e necessidades humanas.⁴

Nos textos de Salústio e Gersão, percebe-se que a errância dos personagens é causada por motivos diferentes. Em “Liberdade Adiada”, a personagem desloca-se permanentemente, realizando um percurso cotidiano por necessidades básicas de sobrevivência. Esse impulso de deslocar-se, então, dar-se-ia por imposições de um contexto socioeconômico desfavorável e injusto que se impõe à personagem. Insatisfeita muito menos por questões existenciais do que por desgastes físicos e emocionais, a personagem anseia pela libertação daquela realidade dura, cogitando até mesmo jogar-se em um buraco: “O barranco olhava-a, boca aberta, num sorriso irresistível, convidando-a para o encontro final”.⁵ Esse “encontro final” poderia ser considerado como metáfora da própria morte, na qual se “conquistaria” uma “liberdade” em que não mais haveria sofrimento e nem sentimento de falta. Ou seja, haveria, na personagem, um desejo de voltar a um estado informe de existência, em que as agruras e imposições do meio social não mais a afetariam. Nesse estado, a personagem diluir-se-ia, misturando suas fronteiras físicas e existenciais ao espaço do barranco. A personagem seria parte integrante da própria estrada ao nela desgastar-se e deixar as marcas de sua corporeidade. Claro que essa “libertação” não se realiza efetivamente na narrativa, ficando, apenas, no desejo.

Se na narrativa de Salústio a insatisfação pelas precárias condições físicas é o que irá mover a personagem, na narrativa portuguesa, o ato de deslocar-se parece ter relação justamente com a incapacidade de se contentar com a opulência material. Em uma entrevista feita pelo jornalista Juvenal Savian Filho, em Dezembro de 2007, à revista *Cult*, o pensador Francês Gilles Lipovetsky atenta para a pragmática de uma sociedade moderna dominada pelo consumo, a Hipermodernidade.⁶ Para

⁴ ALVES. *Corpos andarilhos nos romances O rei de Havana, de Pedro Juan Gutiérrez, e A fúria do corpo, de João Gilberto Noll*, p. 160.

⁵ SALÚSTIO. *Liberdade Adiada*, p. 5.

⁶ Hipermodernidade, uma modernidade excessiva, quer dizer, uma lógica de sobrecarga, de excesso. (LIPOVETSKY. *As marcas se tornaram o sentido da vida das pessoas*).

o pensador, esse novo rumo que toma a sociedade moderna implica em uma ligação direta com a insatisfação, a infelicidade e a perturbação do sujeito, ao preconizar que:

O aspecto ruim está em que, apesar de essa sociedade pregar o bem-estar, o lazer, as férias, a sexualidade – enfim, o prazer –, ela também implica muitos males, como a depressão, o stress, as ansiedades, as inquietudes... São numerosas as estatísticas de perturbações, suicídios, depressões... Essa sociedade experimenta um problema muito grave: no fundo, o poder de consumo cresce cada vez mais, mas a felicidade não cresce.⁷

De acordo com o teórico, o ato de consumir não é capaz de satisfazer o sujeito plenamente. Nesse sentido, o personagem da narrativa portuguesa mostra-se marcado por um mal-estar, mesmo apresentando condições socioeconômicas favoráveis: “dinheiro ele tinha, não porque a vida lhe desse, porque nada era dado de graça, mas porque tivera o talento de ganhá-lo”.⁸ Dessa forma, mesmo que a modernidade se faça presente com suas ditas “benesses”, o personagem apresenta-se como um ser em falta e em busca de algo que o satisfaça mais profundamente. Gilles Lipovetsky reflete sobre a dita felicidade com “f” maiúsculo, a qual não pode ser comprada, vendida e nem encontrada em bens materiais: “a felicidade está na relação da pessoa com ela mesma e com os outros. Dito de outra maneira, uma pessoa não pode ser feliz se está em conflito com ela mesma”.⁹ Na narrativa de Salústio, a personagem apresenta-se física e materialmente degradada. Porém, o sentido de sua vida não se resumiria às coisas que (não) possui. Sua fonte de motivação e esperança vem das relações humanas que a personagem estabelece com seus entes queridos, mesmo momentaneamente. Isso não ocorre com o personagem da narrativa de Gersão, pois suas relações sociais apresentam-se superficiais e empobrecidas afetivamente, tornando-o um sujeito em conflito consigo mesmo e insatisfeito, apesar do acesso aparentemente irrestrito ao mundo do consumo. Sendo assim, o personagem mostra-se extremamente solitário. Seus filhos e esposa se distanciaram devido à

⁷ LIPOVETSKY. *As marcas se tornaram o sentido da vida das pessoas*, p. 13.

⁸ GERSÃO. *Segurança*, p. 199.

⁹ LIPOVETSKY. *As marcas se tornaram o sentido da vida das pessoas*, p. 14.

separação do casal, e ele próprio não estabelece relação de afeto com ninguém. Nesse contexto em que o capital é tido como o valor maior, as relações pessoais mais sensíveis ficam em segundo plano. Lipovetsky, sobre tipos de riquezas, afirma que:

Há diversas riquezas; a riqueza material é apenas uma delas. Há a riqueza afetiva, típica de quem está cercado pelas pessoas amadas; trata-se de uma riqueza muito grande! Há a riqueza da vida das pessoas, como a cultura, a arte, coisas que se amam. Assim, se vivemos num ambiente afetivo rico, mas não temos um carro muito moderno, isso não é grave... Mas, se não temos nem riqueza afetiva, nem pessoal, nem profissional, então tudo se concentra na riqueza econômica ou no consumo. Aí há um grave problema.¹⁰

Nesse sentido, pode-se afirmar que a personagem de Salústio, em termos de recursos afetivos, seria bem mais “rica” do que a personagem de Gersão, pois, apesar de enfrentar graves problemas socioeconômicos, de acordo com as características e condições específicas de seu país, as relações pessoais que ela estabelece com os outros são mais sensíveis e profundas. Isso não ocorre com o personagem de Gersão, que se mostra altamente individualista e sem muita consideração com os outros.

A personagem de “Liberdade Adiada” cogita atirar-se num barraco mas, por amor aos filhos, adia seu suposto ato de libertação. Ela não apresenta nome, elemento identitário por excelência, possui vários filhos, embora seja ainda jovem. A situação sociocultural desfavorecida no ambiente insular pode ser considerada como uma característica comum das mulheres de Cabo Verde. Nesse sentido, podemos relacionar a identidade indefinida da personagem às várias mulheres que vivem numa situação semelhante da sociedade cabo-verdiana. Os outros personagens desse conto também não possuem nomes definidos, e são apresentados apenas pelo seu grau de parentesco com a mulher, como os filhos, além do personagem-narrador, que dialoga diretamente com a protagonista apenas ao final da narrativa. Esse personagem misterioso também não é identificado, mas relaciona-se com ela de forma íntima, apesar de breve, sobre suas angústias e questões.

¹⁰ LIPOVETSKY. As marcas se tornaram o sentido da vida das pessoas, p. 15-16

Já no conto “Segurança”, o protagonista, sem nome definido na narrativa, é um homem de negócios que dispõe de uma secretária particular, vive em meio urbano modernizado, é divorciado, pai de filhos que raramente vê, e faz tratamento com um psiquiatra. Tomado por medos e tédios, resolve tirar férias, a fim de descansar de sua rotina estressante. Esse personagem poderia ser considerado parte da elite econômica da sociedade a que pertence, podendo usufruir de todas as comodidades que o sistema capitalista oferece. Ambas as narrativas representam cotidianos de indivíduos que vivem em mundos bem distintos e específicos, mas que poderiam ser aproximados justamente pelas contradições que a modernidade capitalista apresenta ao ser implantada nos diferentes espaços. Nesse sentido, a relação estabelecida entre as duas narrativas será de cunho sincrônico, tendo em vista perceber essas contradições em seus respectivos contextos de modernidade e suas consequências para as identidades dos personagens dos contos.

Importante apresentar, portanto, algumas características das sociedades e sujeitos pós-modernos de uma forma geral. Nas sociedades ditas pós-modernas, comprova-se a falência da modernidade em determinar uma identidade estável para os indivíduos, os quais deveriam ter profissão, endereço e papel familiar definidos, ou seja, uma identidade estável e passível de controle pelas instituições sociais. Esse projeto mostra-se fracassado, pois o sujeito não mais se contentaria em se reduzir aos limites do estabelecido, manifestando, assim, as frustrações e angústias causadas pela repressão da razão moderna aos seus desejos. Dessa forma, o indivíduo pós-moderno seria, inegavelmente, portador de incongruências que a tradição cultural moderna não conceberia em sua pretensão de controle e estabilidade do mundo simbólico. Nesse sentido, o sujeito pós-moderno não seria mais portador de uma identidade fixa e estável, e sim relacional, dinâmica e múltipla, mesmo porque, a impermanência e fluidez da realidade das coisas já seriam condições inegáveis das sociedades contemporâneas.

Considera-se que o contexto do conto cabo-verdiano “Liberdade Adiada” é afetado pela modernidade capitalista, mesmo que de forma peculiar, tendo em vista a cultura e os processos históricos próprios de Cabo Verde. De qualquer maneira, pode-se considerar que a personagem mostra-se oprimida por um ambiente hostil que fora criado, historicamente, por relações de exploração econômica, desde o tempo em que Cabo Verde era considerado colônia de Portugal. Não há referências

explícitas a esse processo na narrativa mas, apesar disso, percebe-se que a realidade do conto seria muito próxima do contexto sociocultural vivenciado pela população cabo-verdiana em geral, pois a personagem se apresenta como uma figura feminina tipicamente daquele país, carregando uma lata de água na cabeça, andando por um espaço duro e difícil: “Sentia-se cansada. A barriga, as pernas, a cabeça, o corpo todo era um enorme peso que lhe caía irremediavelmente em cima”¹¹ Percebe-se que o corpo da personagem é sentido como algo que incomoda, já que é foco de infortúnios. Esses elementos da narrativa sugerem uma vida sofrida, cheia de privações. Ou seja, nesse contexto cabo-verdiano, a personagem estaria praticamente excluída do sistema produtivo oficial, além de mostrar-se alijada da sua condição de sujeito capaz de interferir nos processos históricos e sociais de sua sociedade.

Já no conto “Segurança”, o personagem encontra-se inserido na sociedade “(pós)moderna”, em que o capital é tido como elemento primordial e sustentador do sistema. Andréa Alves Rodrigues, sobre a narrativa de “Segurança”, afirma que:

Percebemos muitas vozes que se entrecruzam e trazem à tona críticas sobre o sistema de valores das sociedades capitalistas, em que a relação com o dinheiro é mais valorizada do que o relacionamento entre as pessoas. Assim, podemos encontrar nas narrativas um questionamento quanto ao modo de vida contemporâneo, submisso aos discursos ideológicos que prometem a felicidade para quem possuir poder financeiro.¹²

Então, Rodrigues afirma que o capital é tido como valor principal no conto português, o que levaria o personagem a viver apenas em função dele, afetando suas relações sociais:

Dera ordens ao banco para enviar a mensalidade, e o banco era pontual como um relógio. E também nunca se esquecera dos aniversários, encarregara a secretária de marcar na agenda e de enviar telegramas de felicitações, flores à ex-mulher e brinquedos aos filhos e depois outros

¹¹ SALÚSTIO. *Liberdade adiada*, p. 5.

¹² RODRIGUES. *A ironia nos contos “Praça de Londres” e “Segurança”*, p. 13.

objetos, conforme a idade. A secretária escolhia bem, porque eles pareciam contentes. Ano após ano enviavam-lhe cartas de agradecimentos, sempre iguais.¹³

O trecho acima demonstra, nitidamente, a frieza das relações sociais contemporâneas e sua constante superficialidade, mesmo entre pais e filhos, o que reforça o capital como valor maior. Já no conto cabo-verdiano, em que ocorre a privação de recursos até mesmo para as necessidades mais básicas, as relações humanas, pelo menos as familiares, se mostram mais aprofundadas e sensíveis, ajudando a personagem a suportar o impulso de sucumbir: “A borda do barranco, com a lata de água à cabeça e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou as mãos ao peito. O que tinha a ver os filhos com o coração! Os filhos... Como ela os amava, Nossenhor!”¹⁴

Na condição de seres fragmentados e em falta, os dois personagens se caracterizam por estarem em movimento, em busca de algo, mesmo que em diferentes contextos. Seja movido por necessidades de sobrevivência, como aparentemente o faz a personagem cabo-verdiana, ou por necessidades psicológico-existenciais, como o personagem da narrativa portuguesa, os sujeitos são movidos por sentimento de falta, ao mesmo tempo em que tentam supri-lo. O mal-estar demonstrado por cada personagem leva-os ao deslocamento, em busca de algo que lhes complete ou amenize suas dores e seus temores. Esse deslocamento acontece de maneira a extravasar os desejos e as forças psíquicas das personagens, como num ato de tentativa de libertação ou mesmo de resistência frente às imposições do instituído, mesmo que inconscientemente. No fragmento do conto cabo-verdiano abaixo, pode-se perceber o desejo de evasão da personagem que: “Pensou em atirar a lata de água ao chão, esparramar-se no líquido, encharcar-se, fazer-se lama, confundir-se com aqueles caminhos que durante anos e mais anos lhe comiam a sola dos pés, lhe queimavam as veias, lhe roubavam as forças”¹⁵. Nessa passagem, a personagem sente um desejo de abandonar aquela vida cheia de sofrimento, diluindo-se na água e na lama. Simbolicamente, água e lama estariam ligados, de modo ambivalente, à vida e à morte:

¹³ GERSÃO. Segurança, p. 198.

¹⁴ SALÚSTIO. Liberdade adiada, p. 5.

¹⁵ RODRIGUES. A ironia nos contos “Praça de Londres” e “Segurança”, p. 13.

Símbolo da matéria primordial e fecunda, da qual o homem, em especial, foi tirado, segundo a tradição bíblica. Mistura de terra e água, a lama une o princípio receptivo e matricial (a terra) ao princípio dinâmico da mutação e das transformações (a água). Todavia, se tomarmos a terra como ponto de partida, a lama passará a simbolizar o nascimento de uma evolução, a terra que se agita, que fermenta, que se torna plástica. (...)

Mas se, ao contrário, considerarmos como ponto de partida a água com sua pureza original, a lama se apresenta como um processo involutivo, um início de degradação. Daí provém o fato de que a lama ou o lodo, através de um simbolismo ético, passa a ser identificada com a escória da sociedade (e com seu meio ambiente), com a ralé, ou seja, com os níveis inferiores do ser: uma água contaminada, corrompida.¹⁶

Ao se imaginar misturada à lama, a personagem descompartmentaria suas fronteiras corporais e, conseqüentemente, colocaria em questão as regras sociais impressas em seu próprio corpo. A respeito do corpo e suas estruturas simbólicas, José Carlos Rodrigues afirma que:

Em um mundo equilibrado e organizado, cada coisa ocupa o seu lugar e cada categoria deve estar nitidamente diferenciada das demais. Entre elas, nenhuma mistura deve ser produzida, pois arriscaria corroer a fisionomia organizada do mundo, que é fonte de bem-estar. É necessário respeitar a separação dos elementos, pois esta separação é criadora de sentido.¹⁷

Sendo assim, tudo aquilo que subverteria o corpo em suas significações instituídas representaria uma ameaça à sociedade e a seus membros, pois, “sem que os homens o saibam expressamente, ao pensar o corpo, estão pensando a estrutura social e, ao defendê-lo, estão defendendo a ordem social”.¹⁸ Dessa maneira, a mistura de corpo e lama pode carregar, de modo ambivalente, tanto a potencialidade de criação da vida, pois se torna signo de fecundidade, quanto de degradação e morte.

¹⁶ CHEVALIER. *Dicionário de símbolos*, p. 533-534.

¹⁷ RODRIGUES. *Tabu do corpo*, p. 123-124.

¹⁸ RODRIGUES. *Tabu do corpo*, p. 123.

Sendo assim, o desejo da personagem de misturar-se à lama guarda um duplo sentido, que a identificaria com degradação e morte mas, ao mesmo tempo, com uma potencialidade de vida que remeteria a um estado pré-cultural ou primordial de uma existência que estende suas fronteiras para o espaço do caminho, da estrada com a qual ela se identificava há anos. Essa ambivalência poderia ser identificada com o que Freud diz sobre a morte, a qual exerceria, simultaneamente, fascínio e medo nos sujeitos. O teórico encontraria na sexualidade uma das facetas inegáveis do indivíduo que não se reduz a uma dita racionalidade funcional, apontando para a complexidade de seu psiquismo. A “pulsão de vida”, então, seria capaz de mobilizar os seres humanos em sua permanente busca de prazer e felicidade, ao mesmo tempo em que procura evitar o sofrimento. Ao chamado “princípio do prazer”, seria contraposto o “princípio de realidade”, o qual funcionaria como uma instância reguladora dos desejos individuais, fazendo prevalecer as regras das instituições sociais. Nesse processo, os sujeitos renunciariam à satisfação de seus desejos fundamentais inerentes ao “estado de natureza” para priorizarem o “estado de sociedade” e, conseqüentemente, a domesticação das pulsões pela cultura e seu sistema simbólico regulador. Em *O mal-estar na civilização*, Freud afirma que:

A civilização, portanto, consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada.¹⁹

Para Freud, a civilização funda-se no momento em que constrói a sua capacidade de controlar a formação dos sujeitos, impondo severas restrições a dois impulsos estruturais da vida humana: a sexualidade e a agressividade. De acordo com Freud, esses impulsos – que movem os seres humanos em suas incessantes buscas pela realização do programa do princípio do prazer – dificilmente circulariam sem obstáculos, pois a vida em sociedade só se torna viável no momento em que são restritos. A formação de uma consciência individual ou “ego”, em permanente confronto com o mundo, estaria intimamente ligada a esses processos de controle psíquico. Porém, isso não ocorreria sem o jogo de resistências do

¹⁹ FREUD. *O mal-estar na civilização*, p. 147.

sujeito. Na narrativa de Salústio, a personagem subverteria, pelo menos em seu imaginário, as restrições sociais que impediriam a plena realização de seu “princípio do prazer”: ao imaginar-se diluída na estrada, voltaria ao estado de não sujeito e, portanto, a um momento em que se encontraria livre das amarras psicossociais que reprimem e frustram, fortemente, seu desejo. Ao se imaginar diluída corporal e existencialmente na lama, as regras sociais, assim como os fundamentos organizadores da própria civilização moderna, encontrar-se-iam questionados, já que suas marcas simbólicas impressas no corpo e no espaço estariam subvertidas. Percebe-se, então, o artificialismo da própria civilização moderna ao tentar regular o sujeito e suas pulsões, mostrando-se muito mais como uma estratégia de controle do que como uma “verdade” efetiva, já que não se sustentaria diante da inexorabilidade da morte. Por isso, a morte remeteria ao medo e, simultaneamente, ao fascínio. Medo devido à possibilidade de dissolução do corpo e da consciência, mas também fascínio porque corresponderia a um momento pré-existencial em que não haveria repressão às pulsões e, conseqüentemente, não haveria sofrimento e nem sentimento de falta:

O barranco olhava-a, boca aberta, num sorriso irresistível, convidando-a para o encontro final.

Conhecia aquele tipo de sorriso e não tinha boas recordações dos tempos que vinham depois. Mas um dia havia de o eternizar. E se fosse agora, no instante que madrugava? A lata e ela, para sempre, juntas no sorriso do barranco.²⁰

No fragmento acima, pode-se observar o desejo da personagem em diluir-se naquele espaço físico, desintegrar-se, misturar as fronteiras entre ela e o próprio espaço físico. A personagem está tão ligada identitariamente ao ambiente que passa a fazer parte dele, ou seja, o ambiente é percebido como se fosse extensão de sua corporeidade física e existencial. O espaço é visto, também, como corpo humano ou parte dele, pois “o barranco olhava-a, boca aberta”, como se tivesse boca de verdade e estivesse prestes a engoli-la, devorá-la e incorporá-la, integrando-a, intimamente, ao meio. A metáfora do “sorriso do barranco” pode ilustrar esse desejo de mistura entre o corpo da personagem e o espaço físico por ela experimentado. Esse processo de misturar suas fronteiras com as do

²⁰ SALÚSTIO. *Liberdade adiada*, p. 5-6

ambiente confirmaria, simbolicamente, um desejo de voltar a um estado “informe” de existência em que não mais haveria sentimento de falta e, portanto, não haveria mais sofrimento, além de evidenciar, também, uma possibilidade de transgressão das regras sociais instituídas e impressas no próprio corpo da personagem. Nesse processo, as imposições do sistema são colocadas em xeque, já que fica questionada a capacidade das regras sociais de gerenciar os significados e o comportamento do próprio corpo, de acordo com o contexto cultural de Cabo Verde. Claro que tudo isso não se realiza efetivamente, ficando apenas no imaginário da personagem e, portanto, somente no desejo. De qualquer maneira, fica o poder de controle das regras sociais, bem como das instituições reguladoras do corpo e do comportamento, questionados nessa passagem da narrativa.

Na narrativa de “Segurança” também acontece um deslocamento inquieto do personagem para tentar afastar a morte ou o medo de si:

[...] afogou-se em trabalho, foi ao cinema ver filmes que depois não recordaria nem o título, adormeceu várias vezes com a TV ligada, telefonou para as linhas de ajuda, contando histórias parecidas com a sua, sem se atrever a nomear o possível veredicto. Dizia quando muito, doença maligna, ou doença prolongada. Por vezes teve a sensação de que a voz, do outro lado do fio, o tomava por ser soropositivo.²¹

O fragmento acima ilustra um tipo de vida diferente da apresentada pelo conto cabo-verdiano, pois o personagem mostra-se bem-sucedido, de acordo com as referências da sociedade em que está inserido, mas também está sufocado pela correria moderna de um grande centro urbano. Ele se depara com algo que escapa ao seu controle, buscando ajuda médica para lidar com a possibilidade de ter sido contaminado pelo vírus da AIDS. Essa doença, na narrativa, introduz uma importante questão: tudo aquilo que ameaça a organização social, como a própria morte, causa incômodo ao sujeito “(pós-)moderno” e torna-se foco de tentativa exaustiva de controle. É o que realiza o personagem do conto português ao seguir a recomendação médica de tirar férias. Porém, suas angústias existenciais e medos não são solucionados assim tão facilmente. Sendo

²¹ GERSÃO. Segurança, p. 197.

assim, o personagem sente pavor ao considerar a possibilidade de estar com uma doença incurável, o que ilustraria o próprio medo da morte:

Tinha as mãos a tremer quando abriu o envelope. Negativo. Leu várias vezes a folha de papel, do principio ao fim, como se não entendesse as palavras. Depois começou a rir, esfregando as mãos, meteu o envelope no bolso e foi tomar um uísque no bar da esquina.²²

Como o resultado do exame fora negativo, o personagem sente que retomou o poder de controlar sua própria vida. Ou seja, ao tentar anular qualquer ameaça à sua vida, o personagem tenta preservar os valores simbólicos do capital que ditam como ele deve significar seu corpo e a própria morte. Sendo assim, minimiza a importância da promessa que fizera – doar um milhão de dólares a uma instituição de caridade, já que, agora, sente que a vida está em suas mãos novamente. No momento anterior ao resultado do exame, ele parecia vulnerável a um suposto poder fora de si, capaz de influenciar sua vida, como se houvesse uma entidade divina a observá-lo. Ao fazer a promessa, o personagem manifesta o desejo de controlar o incontrolável, ou seja, de influenciar as instâncias além de si que supostamente controlam a morte, “agradando-as” com um dito ato de caridade como pagamento pela preservação de sua vida. É irônico o fato de que a possibilidade de ter contraído o vírus da AIDS tenha sido resultado das próprias ações do personagem que, mais tarde, tenta reaver o controle perdido, mesmo que transferindo a responsabilidade para algum poder fora de si. Mas, como os valores do capital permeiam suas relações sociais, ele não vê mais a obrigação de cumprir a promessa quando “perdera” o controle da vida com a possibilidade da doença: “Só depois de fechar outra vez a janela, quando de novo se sentou à secretária, se lembrou do voto. Mas agora ele pareceu-lhe absurdo. Debaixo da tensão as pessoas prometiam não importava o quê. Pensaria nisso depois, de cabeça fria”.²³ Nota-se que os valores capitalistas, para o personagem, são referência e medida da própria vida, assim como das relações que ele estabelece com demais personagens, como mulheres e filhos. Nesse contexto, o personagem apresenta-se como um sujeito extremamente em falta, pois todas as

²² GERSÃO. Segurança, p. 197.

²³ GERSÃO. Segurança, p. 197.

respostas para suas inquietações deveriam ser respondidas por esses valores do capital e por sua ideologia, o que não ocorre, efetivamente, na narrativa. Dessa forma, o objetivo de dedicar-se ao trabalho e ganhar dinheiro o tornou um tanto quanto desumanizado, ou seja, insensível ao outro, como com sua ex-mulher e seus filhos, os quais são, para ele, apenas coisas a desempenharem funções específicas em sua vida, e não sujeitos merecedores de atenção mais profunda.

Ao contrário da personagem feminina do conto “Liberdade Adiada”, o protagonista do conto português deseja organizar e controlar tudo, inclusive o tempo em que está de férias:

Desfez a mala, enviou um *e-mail* à secretária, vestiu um calção de banho e uma *T-shirt* e sentou-se num restaurante da praia. Soprava uma brisa ligeira (aliás, o nome do restaurante era *La Brisa*). Bebeu água e café e mergulhou no mar, com a sensação de entrar num ambiente aquecido. Nadou quarenta e cinco minutos e só depois foi dormir. Acordou com a sensação de ter perdido inutilmente o primeiro dia. Levantou-se depressa e desceu a praia.²⁴

Ao ordenar os afazeres de seu tempo livre, como se estivesse cronometrando-os, o personagem se depara com algo que não consegue controlar: sua insatisfação. Esta forma de tentar a todo custo controlar a vida e suas ações é característica marcante das sociedades modernas, em que tempo significa dinheiro e tudo deve ser monitorado, inclusive a tentativa de satisfação. A segurança da viagem, o local onde fica hospedado, os lugares que visita, tudo é controlado pelo personagem mas, mesmo assim, ele se sente inseguro e insatisfeito. Ao tentar ter tudo sob controle, o personagem perde a oportunidade de interagir com o local em sua condição de alteridade, o que provocaria insatisfação. Ou seja, é em contato com o que se apresenta como diferente e com potencialidade de acréscimo à identidade do sujeito que poderia haver possibilidade de satisfação. Porém, o personagem não consegue interagir dessa forma com o ambiente em que passa as férias, pois tudo deveria se apresentar como controlável e, portanto, como algo conhecido ou, pelo menos, previsível.

Um sintoma do mal-estar do protagonista poderia ser seu recorrente sonho em que é assassinado: “nessa noite o sonho voltou: ia

²⁴ GERSÃO. Segurança, p. 200.

por um caminho e era assassinado. Tudo estava normal, mas de repente algo ou alguém o abatia”.²⁵ No fragmento acima, pode-se colocar em xeque o suposto controle sobre todas as coisas que o contexto “(pós-) moderno” tenta inculcar nas pessoas. Ao ser atacado, mesmo que em sonho, o personagem perde sua pretensa sensação de segurança, a qual expõe, justamente, a condição ilusória e arbitrária do tipo de segurança que as sociedades modernas e capitalistas tentam transmitir. Ao sair da zona de segurança do hotel, o personagem se depara com o imprevisível, onde não mais haveria as cercas elétricas e nem os guardas, ou seja, as demarcações simbólicas dos espaços que indicariam segurança e controle são abandonadas, numa tentativa, talvez, de entrar em contato com uma autêntica alteridade capaz de oferecer uma experiência mais promotora de satisfação:

Voltaria para trás, decidi. Foi quando alguém saltou de entre os arbustos, de repente. Alguém que o teria atacado pelas costas, se nesse instante ele não tivesse rodado sobre si próprio, para iniciar o caminho de regresso. Senti as pancadas do *casse-tête* na cabeça. O agressor era o segurança viu, ou julgou ter visto. Se os seus olhos o enganavam, já não teria tempo de saber.²⁶

Não se tem elementos no conto que indique se o personagem foi de fato assassinado ou não, como em seu sonho, mas isso também não seria a questão primordial da narrativa. O que salta aos olhos é que, por mais que o sistema capitalista tente colocar ordem e controlar tudo, ele fracassa nessa tarefa. Interessante ressaltar que, mesmo os elementos indicativos de segurança, como a presença de guardas, não se apresentam como garantia de controle, já que o personagem é atacado, supostamente, por um segurança do local. Nesse sentido, o próprio contexto “(pós-) moderno” evidencia suas contradições, pois aquele que deveria zelar pela segurança do personagem é quem o ataca. O sistema, ao tentar promover o controle sobre todas as coisas, promove, ao mesmo tempo, insegurança e instabilidade, mostrando-se, também, não confiável e contraditório. A angústia sentida pelo personagem parece ser proporcional ao tamanho da importância que dá ao capital em sua vida, a qual se mostra vazia

²⁵ GERSÃO. Segurança, p. 201.

²⁶ GERSÃO. Segurança, p. 204.

em exercício de alteridade e, portanto, superficial e insatisfatória. Dessa forma, pode-se inferir que esse mundo não consegue resolver as angústias existenciais do personagem, nem de dar-lhe a tão almejada “segurança”.

Já no conto cabo-verdiano, a personagem compartilha sentimentos íntimos e angústias com o personagem narrador que não é identificado no conto, mas que estabelece com ela uma relação social mais humanizada:

Correu deixando o barranco e o sonho de liberdade para trás. Quando a encontrei na praia, ela esperando a pesca, eu atrás de outros desejos, contou-me aquele pedaço de sua vida, em resposta ao meu comentário de como seria bom montar numa onda e partir rumo a outros destinos, a outros desertos, a outros natais.²⁷

Apesar da vida miserável da personagem, há uma relação mais aprofundada e íntima com personagens próximos, como seus filhos, e com o outro que a encontra na praia, pois, ao final da narrativa, compartilha com ele a passagem de sua vida e, conseqüentemente, seus desejos. A passagem anterior pode exemplificar, ainda, a ligação íntima da protagonista não só com o mar, mas também com o “outro”. Mesmo não conhecendo previamente o personagem com quem dialoga, compartilha sua dor, exprime a relação íntima com o meio, relata seu sofrimento e expõe a ele seu desejo de mudanças. A personagem apresenta traços marcantes daqueles que vivem perto do mar, típicos dos cabo-verdianos:

Qualquer tentativa de abordar a literatura cabo-verdiana implica entrar, por opção ou descuido, no cenário que moldou e marcou Cabo Verde, e obriga, necessariamente, a penetrar na intimidade das mulheres e dos seus homens, modelos traídos pela transparência opaca das palavras, companheiras constantes de todas as travessias. E nesta viagem ao encontro da literatura, antes de qualquer outra visão, surge-nos o mar enorme e sem fim, ditando o rumo, traçando rotas, revelando distâncias, marcando o silêncio. Imposições que vão definir as relações entre a ilha e o ilhéu, e que no conjunto, e no desenrolar, se pode chamar de insularidade, à qual o escritor se entrega, por razões de sobrevivência existencial, emocional e profissional.²⁸

²⁷ SALÚSTIO. *Liberdade adiada*, p. 5.

²⁸ SALÚSTIO. *Insularidade na literatura cabo-verdiana*, p. 33.

Salústio comenta essa proximidade e a interrelação entre o mar e o povo cabo-verdiano como se fossem uma junção em que seria impossível tocar em um sem atingir outro. Nesse contexto, o mar se apresenta como compensação e possibilidade de completude para as inconstâncias existenciais do sujeito, o que estaria diretamente relacionado aos seus significados simbólicos, perceptíveis ao final da narrativa.

Já na narrativa de Gersão, o personagem se aproxima do mar ao transgredir as fronteiras espaciais do hotel durante suas caminhadas. Os significados simbólicos do mar, aqui, também se fazem presentes, ligando-se à potencialidade de vida e morte, simultaneamente, pois estariam relacionados ao processo de busca do personagem pelo desconhecido (morte), mas que conteria uma potencialidade promotora de “renovação” (vida), justamente pelo fato de ele estar em contato com um lugar novo e, portanto, relativamente interessante. Nesse processo, há a possibilidade de satisfazer-se ao mesmo tempo em que se sente medo: para haver prazer há que ter, também, risco. Paradoxalmente, aquele que deveria zelar pela segurança do personagem é quem, supostamente, o ataca. Isso reforçaria as contradições da modernidade, já que os dispositivos de controle do sistema, representados pelo guarda do hotel, seriam os próprios agentes promotores de insegurança.

Interessante observar que, no contexto cabo-verdiano do conto, onde a modernidade capitalista apresenta contornos próprios, têm-se sujeitos mais sensíveis e humanizados, ao passo que, no conto português, cujo contexto é de uma sociedade mais fortemente modernizada, tem-se a fragmentação identitária, a desumanização, o isolamento e a solidão. Pode-se concluir, portanto, que os sistemas implantados nas sociedades em questão, de acordo com os dois contos, fracassam ao tentar exercer nos corpos e identidades dos personagens controle pleno. Nesse sentido, tanto no conto cabo-verdiano, em que a “modernidade” apresenta características específicas e típicas daquele país, como no conto português, em que a modernidade capitalista se apresenta de forma mais globalizada e contundente, há resistências e insatisfações sentidas pelos sujeitos “pós-modernos”. Mesmo na forma de desumanização, o personagem de “Segurança” manifesta seu mal-estar, ao passo que a personagem de “Liberdade Adiada” apresenta, de modo mais sensível, seu desejo de evasão.

Referências

- ALVES, Henrique Roriz Aarestrup. *Corpos andarilhos nos romances O rei de Havana, de Pedro Juan Gutiérrez, e A fúria do corpo, de João Gilberto Noll*. 2008, 221fls Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CARREIRA, António. *Cabo Verde (aspectos sociais, secas, e fomes do século XX)*. 2. Ed. Lisboa: Ulmeiro, 1984.
- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*. 7. ed. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FILHO, João Lopes. *Introdução à cultura cabo-verdiana*. Praia: Instituto Superior de Educação, 2003.
- FILHO, João Lopes. *Cabo Verde retalhos do quotidiano*. Lisboa: Caminho, 1995.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1974. v. XXI.
- GERÃO, Teolinda. Segurança. In: LIMA, Isabel Pires de (Coord.). *Vozes e olhares no feminino*. Porto: Edições Afrontamento, 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu de Silva. Rio de Janeiro: DP&A Edições, 2001.
- LIPOVETSKY, Gilles. As marcas se tornaram o sentido da vida das pessoas. *Revista Cult*, n. 120, p. 10-17, dez. 2007.
- RODRIGUES, Andréa Alves. A ironia nos contos “Praça de Londres” e “Segurança”. In: DUARTE, Lélia Parreira (Org.). *Cadernos Cespuc de Pesquisa*. Ironia e humor na literatura portuguesa: esvaziamento do mito e saber da escrita. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2003. (Série Ensaios n. 12).

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SALÚSTIO, Dina. Liberdade adiada. In: _____. *Morna eram as noites*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional, 2002.

SALÚSTIO, Dina. Insularidade na literatura Cabo-verdiana. In: VEIGA, Manuel (Coord.). *Cabo Verde insularidade e literatura*. Paris: Éditions Karthala, 1998.

SARAIVA, Antonio José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 17. ed. Porto: Porto Editora, 2008.

SILVA, T. V. Tradições orais: antes e depois da independência. In: VEIGA, Manuel (Coord.). *Cabo Verde insularidade e literatura*. Paris: Éditions Karthala, 1998.